

OS CINCO NA ILHA DO TESOURO
ENID BLYTON



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Índice

Capítulo 1 - UMA GRANDE SURPRESA

Capítulo 2 - A PRIMA DESCONHECIDA

Capítulo 3 - UMA HISTÓRIA INVULGAR E UMA NOVA AMIGA

Capítulo 4 - UMA TARDE EMOCIONANTE

Capítulo 5 - VISITA À ILHA

Capítulo 6 - DESCOBERTA DEPOIS DA TEMPESTADE

Capítulo 7 - REGRESSO AO CASAL KIRRIN

Capítulo 8 - EXPLORANDO O NAVIO

Capítulo 9 - A CAIXA MISTERIOSA

Capítulo 10 - UMA OFERTA INESPERADA

Capítulo 11 - DE NOVO NA ILHA DE KIRRIN

Capítulo 12 - DESCOBERTAS FANTÁSTICAS

Capítulo 13 - NOS SUBTERRÂNEOS

Capítulo 14 - PRISIONEIROS!

Capítulo 15 - DAVID EM MISSÃO DE SOCORRO!

Capítulo 16 - UM PLANO ARRISCADO

Capítulo 17 - O FIM DA GRANDE AVENTURA

1.

UMA GRANDE SURPRESA

- Mãe, já sabe para onde vamos nas férias grandes? - Perguntou o Júlio, à mesa do pequeno-almoço. - Podemos ir para Polseath, como é costume?

- Creio que não, - disse a mãe. - As casas já estão todas alugadas este ano.

Os três jovens, sentados à mesa do pequeno-almoço, entreolharam-se com ar de grande desapontamento. Gostavam tanto da casa em Polseath! A praia era muito bonita e os banhos de mar eram excelentes.

- Animem-se, - disse o pai. - Tenho a certeza de que encontraremos outro lugar bom para as vossas férias. De qualquer maneira, a mãe e eu não podemos ir com vocês este ano. A mãe não lhes disse?

- Não! - exclamou a Ana. - Oh, mãe, é verdade? Não pode realmente vir connosco nas férias? Costuma vir sempre.

- Bem, desta vez o pai quer que eu vá com ele à Escócia, - disse a mãe. - Só nós os dois! E como já estão bastante crescidos para cuidarem de vocês próprios, pensámos que achariam divertido passarem umas férias só os três. Agora, como não podem ir para Polseath, não sei para onde os hei-de mandar.

- E que tal para casa do Alberto? - Sugeriu o pai, de repente.

Alberto era seu irmão, o tio dos jovens. Eles só o tinham visto uma vez e haviam ficado um pouco atemorizados. Era um homem alto e com ar severo, um cientista muito inteligente, que passava grande parte do tempo a estudar. Vivia perto do mar, mas os jovens pouco mais sabiam acerca dele!

- O Alberto? - Disse a mãe, surpreendida. - O que te levou a pensar nele? Acho que não gostará de ter as crianças a incomodá-lo lá em casa.

- Bem, - disse o pai, - tive de me encontrar no outro dia com a mulher do Alberto, na cidade, para tratarmos de negócios e não me parece que a vida lhes corra muito bem. A Clara disse-me que ficaria muito satisfeita se soubesse de uma ou duas pessoas para viverem com eles durante uns tempos, pois assim receberiam mais algum dinheiro. A casa é à beira-mar, como sabes. Talvez seja um bom sítio para os nossos filhos. A Clara é muito simpática e cuidaria bem deles.

- Sim... e também têm uma filha, não é? - Disse a mãe dos jovens. - Deixem-me ver ... como se chama ... já sei, Maria José! Que idade terá! Cerca de onze anos, parece-me.

- É da minha idade - observou David. - Imaginem que temos uma prima que nunca vimos! Deve sentir-se muito sozinha. Eu tenho o Júlio e a Ana, mas a Maria José é filha única. Acho que vai gostar de nos conhecer.

- A vossa tia Clara disse-me que a Maria José gostaria de companhia - acrescentou o pai. - Penso que o nosso problema ficaria resolvido se telefonássemos à Clara e combinássemos a ida dos miúdos para lá. Sem dúvida que seria uma ajuda para a Clara, e a Maria José teria alguém com quem brincar durante as férias. E saberíamos que os nossos filhos estariam em boas mãos.

Os jovens começaram a sentir-se entusiasmados. Seria divertido ir para um sítio onde nunca tinham estado e passar as férias com uma prima que não conheciam.

- Há penhascos, rochas e dunas? - Perguntou a Ana. - É um sítio bonito!

- Não me lembro muito bem, - disse o pai. - Mas tenho a certeza de que é um sítio interessante. Vão gostar! Chama-se baía de Kirrin. A vossa tia Clara viveu lá toda a vida e não sairia dali por nada.

- Oh, pai, telefone à tia Clara e pergunte-lhe se podemos ir! - Exclamou o David: - Deve ser um lugar bom para as férias. Acho que vamos ter muitas aventuras.

- Ah, dizes sempre isso, para onde quer que vás! - observou o pai, rindo. - Está bem. Vou telefonar agora, para saber se há possibilidade de irem.

Já todos tinham acabado o pequeno-almoço. Levantaram-se e ficaram à espera de que o pai telefonasse. Este foi para a sala da entrada, e ouviram-no marcar o número.

- Quem me dera que fôssemos! - disse o Júlio. - Como será a Maria José? É um nome engraçado. Parece mais um nome de rapaz do que de rapariga. Então, ela tem onze anos ... um ano mais nova do que eu ... a mesma idade que tu, David ... e um ano mais velha do que tu, Ana. Com certeza que se dará bem connosco. E teremos os quatro umas férias divertidas.

O pai voltou passados cerca de dez minutos. Os jovens perceberam logo que ficara tudo resolvido. Ele fez-lhes um grande sorriso e anunciou:

- Muito bem, está tudo combinado. A vossa tia Clara ficou encantada com a ideia. Diz que será muito bom para a Maria José ter companhia, porque é uma rapariga muito solitária, que anda sempre sozinha fora de casa. E terá muito gosto em tomar conta de vocês. Só precisam de ter cuidado para não incomodar o tio Alberto. Tem muito trabalho e fica zangado quando o perturbam.

- Andaremos calados como ratos lá em casa, - disse o David. - Prometemos que sim. Fantástico, fantástico ... quando vamos, pai?

- Na próxima semana, se a mãe tiver tudo preparado, - respondeu o pai.

A mãe acenou com a cabeça e disse:

- Sim, pouco há que preparar. Só os fatos de banho, camisolas e calças

de ganga.

- Que bom usar outra vez calças de ganga, - disse a Ana, rodopiando de alegria. - Estou farta do uniforme da escola. Quero também vestir calções, ou fato de banho, e ir com os rapazes tomar banho e trepar pelos montes.

- Bem, não falta muito para que o faças - disse a mãe, soltando uma gargalhada. - Não se esqueçam de escolher os jogos e os livros que querem levar, está bem? Não muitos, por favor, porque não terão muito espaço.

- A Ana quis levar as quinze bonecas dela no ano passado, - disse o Júlio. - Lembras-te, Ana! Foste mesmo cómica.

- Não, não fui, - respondeu a Ana, corando. - Gosto das minhas bonecas e não conseguia escolher qual delas levar. Por isso, pensei em levar todas. Isso não tem nada de cómico.

- E lembram-se de que no ano anterior a Ana queria levar o cavalo de baloiço? - insistiu o David, dando uma pequena gargalhada.

A mãe interveio na conversa:

- Sabes uma coisa! Lembro-me de um rapazinho chamado David que uma vez pôs de lado uma série de bonecos para levar para Polseath: um urso, três cães e dois gatos.

Foi a vez de David corar. Mudou imediatamente de assunto.

- Pai, vamos de comboio ou de carro? - perguntou.

- De carro, - disse o pai. - Podemos levar tudo no porta-bagagens. Muito bem, que tal terça-feira!

- Seria óptimo, - disse a mãe. - Podíamos levar os miúdos e voltar a tempo de fazer as nossas malas à vontade, para depois partirmos para a Escócia na sexta-feira.

- Sim, fica combinado para terça-feira.

Estava decidido. Os jovens esperavam ansiosamente, e a Ana ia riscando os dias no calendário. A semana parecia que demorava mais tempo a passar. Por fim, a terça-feira chegou. O David e o Júlio, que dormiam no mesmo quarto, acordaram quase ao mesmo tempo e olharam pela janela.

- Está um dia fantástico! - exclamou o Júlio, saltando da cama. - Não sei porquê, mas acho que é muito importante que faça sol no primeiro dia de férias. Vamos acordar a Ana.

A Ana dormia no quarto ao lado. O Júlio entrou a correr no quarto e abanou-a.

- Acorda! É terça-feira! E está um dia de sol.

A Ana levantou-se num salto, olhou muito contente para o Júlio e disse:

- Chegou finalmente o dia! Pensei que nunca mais chegava. Oh, não é emocionante ir para férias?

Partiram pouco depois do pequeno-almoço. O carro era grande, pelo que todos iam confortavelmente instalados. A mãe sentada à frente, ao lado do pai, e os três jovens no banco de trás, com os pés em cima de duas malas. No porta-bagagens, seguiam os mais variados objectos, assim como outra mala. A mãe estava certa de que não se tinham esquecido de nada.

Percorreram as movimentadas ruas de Londres, primeiro lentamente e, depois, mais depressa, à medida que deixavam a cidade para trás. Cedo chegaram à estrada em campo aberto, e o carro seguiu velozmente. Os jovens entoavam canções, como sempre faziam quando estavam contentes.

- Vamos parar para almoçar? - perguntou a Ana, sentindo-se de repente cheia de fome.

- Sim, - disse a mãe. - Mas ainda não. São só onze horas. Só almoçamos por volta do meio-dia e meia, Ana.

- Oh, não! - exclamou a Ana. - De certeza que não consigo aguentar até essa hora!

Então, a mãe deu-lhe uma tablete de chocolate, e a Ana e os irmãos saborearam-na com ar deliciado, olhando para os montes, bosques e campos pelos quais o carro passava com rapidez. O almoço foi esplêndido. Comeram ao ar livre, na encosta de um monte que dava para um vale cheio de sol. A Ana não gostou muito de uma grande vaca castanha que se aproximou e ficou ali a olhar para ela, mas a vaca foi-se embora quando o pai a enxotou. Os jovens comeram com todo o apetite, e a mãe disse que às quatro e meia teriam de ir a uma pastelaria, porque além dos sanduíches do almoço tinham comido também os do lanche!

- A que horas chegaremos a casa da tia Clara? - Perguntou o Júlio, enquanto acabava de comer o último sanduíche, lamentando que não houvesse mais.

- Com sorte, por volta das seis horas, - disse o pai. - Quem quer agora esticar um pouco as pernas? Ainda temos uma longa viagem à nossa frente.

O automóvel parecia devorar quilómetros no seu percurso. Chegou a hora do lanche, e depois os três jovens começaram a sentir-se de novo entusiasmados.

- O mar deve estar por perto - disse o David. - Já lhe sinto o cheiro!

Tinha razão. De repente, o carro chegou ao cimo de um monte e ali estava o mar azul, que brilhava, sereno e liso, sob o sol da tarde. Os três jovens soltaram exclamações de prazer.

- Ali está!

- Não é maravilhoso?

- Oh, apetecia-me ir já tomar banho!

- Devem só faltar uns vinte minutos para chegarmos à baía de Kirrin, - disse o pai. - Fizemos um bom tempo de viagem. Já verão a baía, que é bastante grande, com uma ilha muito curiosa em frente.

Os jovens olhavam pela janela enquanto o carro seguia ao longo da costa. A certa altura, o Júlio exclamou:

- Ali está! Aquela deve ser a baía de Kirrin! Olha, David! Não é linda, tão azul?

- E olha para a ilhota cheia de rochas à entrada da baía, - disse o David: - Gostava de ir lá.

- Claro que irás, - disse a mãe. - Agora, temos de procurar a casa da tia Clara. Chama-se Casal Kirrin.

Não demoraram a chegar lá. Situava-se num penhasco que dava para a baía e era uma casa muito antiga, bastante grande, construída em pedra branca. Roseiras trepavam pela fachada, e o jardim estava cheio de flores.

- Eis o Casal Kirrin, - disse o pai, ao parar o carro. - Supõe-se que tem cerca de trezentos anos! Então, onde está o Alberto? Olá, Clara!

2.

A PRIMA DESCONHECIDA

A tia dos jovens tinha estado à espera do carro. Saiu a correr pela velha porta de madeira quando o automóvel parou em frente de casa. Os jovens gostaram dela logo que a viram.

- Bem-vindos a Kirrin! - exclamou. - Olá a todos! Que bom vê-los. E como os miúdos estão crescidos!

Trocaram beijos e depois entraram. Os jovens gostaram da casa. Era antiga e tinha um ar misterioso, com mobília também antiga e muito bonita.

- Onde está a Maria José? - Perguntou a Ana, olhando em redor à procura da prima que não conhecia.

- Oh, que rapariga desobediente! Disse-lhe para esperar por vocês no jardim, - explicou a tia, - mas parece que saiu de casa. Tenho de dizer-lhes uma coisa: talvez achem a Zé um pouco difícil a princípio. Sempre viveu sozinha connosco e, nos primeiros tempos, é possível que não goste de que

estejam aqui. No entanto, não devem dar qualquer importância a isso, porque depressa lhe passará. Fiquei muito satisfeita ao saber que podiam vir. A Zé precisa muito da companhia de outros jovens.

- Chama-lhe "Zé"? - perguntou a Ana, surpreendida. - Pensei que o nome dela fosse Maria José.

- Claro que é, - disse a tia. - Mas a Zé detesta ser rapariga, e temos de chamar-lhe Zé, como se fosse um rapaz. Não responde quando lhe chamamos Maria José.

Os jovens pensaram que a Maria José devia ser uma rapariga muito invulgar. Desejavam que ela aparecesse. No entanto, isso não aconteceu. De repente, em vez dela, surgiu o tio Alberto. Era um homem com ar estranho, muito alto, muito moreno e com uma grande testa sempre enrugada.

- Olá, Alberto! - disse o pai. - Há muito tempo que não te via. Espero que as crianças não perturbem o teu trabalho.

- O Alberto está a trabalhar num livro muito difícil, - explicou a tia Clara. - Mas arranjei um escritório só para ele no outro lado da casa. Por isso, acho que não se sentirá incomodado.

O tio olhou para os três jovens e cumprimentou-os com um aceno de cabeça, continuando de sobrolho carregado. Estes sentiram-se um pouco amedrontados, mas satisfeitos por ele trabalhar noutra parte da casa.

- Onde está a Zé? - Perguntou ele, com uma voz profunda.

- Voltou a sair, não sei para onde, - disse a tia Clara, aborrecida. - Disse-lhe que tinha de ficar aqui para conhecer os primos.

- Ela precisa de um bom castigo, - disse o tio Alberto, sem que os jovens percebessem se ele estava a brincar ou não. - Muito bem, meninos, espero que passem aqui umas boas férias e que façam a Zé ter mais juízo!

Não havia quarto no Casal Kirrin para os pais passarem a noite. Por isso, depois de um jantar rápido, saíram para pernoitar num hotel na cidade mais próxima. Regressariam a Londres no dia seguinte, imediatamente após o pequeno-almoço. Assim sendo, despediram-se dos filhos naquela noite. A Maria José ainda não tinha aparecido.

- Lamento não termos visto a Maria José, - disse a mãe. - Dêem-lhe saudades nossas e digam-lhe que esperamos que goste da companhia do David, do Júlio e da Ana.

Então, os pais foram-se embora. Os jovens sentiram-se um pouco sozinhos, ao verem o grande carro desaparecer na curva da estrada, mas a tia Clara levou-os até ao andar de cima para lhes mostrar os quartos, e cedo se esqueceram da tristeza. Os dois rapazes dormiriam num quarto do sótão. Tinha uma vista maravilhosa para a baía. E eles estavam realmente encantados. A Ana dormiria com a Maria José num quarto mais pequeno, cujas janelas davam

para os campos nas traseiras da casa. Mas tinha também uma janela lateral com vista para o mar, que agradou muito à Ana. Era um quarto muito bonito, com rosas vermelhas a aparecer do lado de fora da janela.

- Gostava tanto que a Maria José chegasse, - disse a Ana para a tia. - Queria conhecê-la.

- Bem, ela é uma rapariguinha um pouco especial - disse a tia. - Às vezes é malcriada e orgulhosa, mas tem um coração bondoso, é muito leal e nunca mente. Quando se torna amiga de alguém, é amiga para sempre; no entanto, tem muita dificuldade em fazer amigos, o que é uma pena.

De repente, a Ana bocejou. Os rapazes olharam para ela com desagrado, porque sabiam o que aconteceria a seguir.

- Pobre Ana! Como estás cansada! Têm de ir todos já para a cama. Depois de uma noite descansada, acordarão bem frescos amanhã de manhã, - disse a tia Clara.

- Ana, és uma idiota, - disse o David, zangado, após a tia ter saído do quarto. - Sabes muito bem o que os adultos pensam quando nos vêm bocejar. Ainda queria ir hoje à praia.

- Desculpa, - disse a Ana. - Foi sem querer. E agora és tu quem está a abrir a boca, David! E o Júlio também!

Era verdade. Estavam cheios de sono, depois da longa viagem. Embora não o dissessem, todos ansiavam por ir para a cama e adormecer.

- Estou a pensar onde andarás a Maria José, - disse a Ana, antes de dar as boas-noites aos irmãos e ir para o seu quarto.

- É tão estranho... não esperar para nos conhecer... não vir jantar... e ainda não ter chegado! E ela vai dormir no meu quarto... sabe-se lá a que horas chegará!

Os três jovens já dormiam profundamente quando a Maria José chegou e se foi deitar! Não a ouviram abrir a porta do quarto da Ana. Não a ouviram despir-se e lavar os dentes. Não ouviram a cama ranger quando ela se deitou. Estavam tão cansados que não ouviram nada até que o sol os acordou de manhã.

Quando a Ana acordou, a princípio não conseguiu perceber onde estava. Ficou deitada na cama e olhou para o tecto inclinado, para as rosas que apareciam na janela e, de repente, lembrou-se do sítio onde estava! "Estou na baía de Kirrin e são férias!", disse para consigo, muito contente. Olhou depois para a outra cama. Nela estava um vulto deitado, enrolado por baixo dos cobertores. Só conseguia ver o cimo de uma cabeça com cabelo encaracolado. Quando o vulto se moveu um pouco, a Ana disse:

- És tu, Maria José?

A jovem que estava na outra cama sentou-se e olhou para a Ana. Tinha o cabelo encaracolado e bastante curto, quase tão curto como o de um rapaz. A cara estava muito queimada pelo sol, os olhos eram tão azuis e brilhantes que pareciam miosótis. No entanto, a boca era bastante severa, e a rapariga franzia o sobrolho como o pai.

- Não, - respondeu ela. - Não sou a Maria José.

- Oh! - Então quem és? - Disse a Ana, surpreendida.

- Sou a Zé, - disse a rapariga. - Só te respondo quando me chamares Zé. Odeio ser rapariga. Não quero ser. Não gosto de fazer as coisas que as raparigas fazem. Gosto de fazer o que os rapazes fazem. Consigo trepar melhor do que um rapaz e também sei nadar mais depressa. Sei remar tão bem como qualquer pescador nesta costa. Tens de me chamar Zé. Assim, falo contigo. Se não me chamares Zé, não falo contigo.

- Oh! Está bem! - exclamou a Ana, pensando que a sua prima era muito estranha. - Chamo-te como quiseres. Acho que Zé é um nome bonito. Nem gosto muito de Maria José. E, realmente, pareces um rapaz.

- A Sério! Pareço! - disse a Zé, deixando por um momento de franzir a testa. - A minha mãe ficou muito zangada comigo quando cortei o cabelo tão curto. Tinha o cabelo até aos ombros, era horrível.

As duas raparigas fitaram-se por um momento.

- Não detestas ser rapariga!? - perguntou a Zé.

- Não, claro que não - disse a Ana. - Gosto de vestidos bonitos e das minhas bonecas e não poderia gostar se fosse rapaz.

- Que aborrecido gostar de vestidos bonitos, - disse a Zé, com voz desdenhosa. - E bonecas! Acho que mais pareces um bebé.

A Ana sentiu-se ofendida e disse:

- Não és lá muito bem-educada. Vais ver que os meus irmãos não te dão importância nenhuma, se pensas que sabes mais do que os outros. Eles são rapazes a sério, não a fingir, como tu.

- Se eles forem antipáticos comigo, sou eu que não lhes dou importância nenhuma, - disse a Zé, saltando da cama. - Além disso, eu não queria que vocês viessem para cá. Meterem-se na minha vida! Sou muito feliz sozinha. Agora, tenho de aturar uma rapariga tonta que gosta de vestidos e bonecas, e dois primos estúpidos!

A Ana pensou que as coisas tinham começado bastante mal. Não disse mais nada e vestiu-se. Pôs uns calções cinzentos e uma camisola vermelha. A Zé vestiu também calções, e uma camisola de rapaz. Mal ficaram prontas, os rapazes bateram à porta.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

